

qualificando-o como grande internacionalista, datando-os em qualquer capital europeia. Os jornais que compravam este material tinham fraquezas por nomes anglo-saxões.

Senti-me, pois, obrigado a expressar minha gratidão de alguma forma e decidi ir ao templo mais cedo e permanecer mais tempo nele. Começava minha súplica muito meticulosamente:

— Meu Senhor Jesus Cristo, muito obrigado por haver-me escutado. Cada vez vejo mais claramente. Já me aumentaram o salário, mas a operação custa muito mais, de modo que te rogo que me dê mais inteligência e assim não seguirei importunando-te deste modo.

Também lhe detalhava meus problemas pessoais e pedia-lhe conselho dizendo:

— Ilumina-me para poder entender mais claramente.

Estas visitas ao templo converteram-se num hábito benéfico e, rapidamente, econômico, pois enquanto meus amigos jogavam dados nos bares, ou iam distrair-se no cinema, eu ia rezar. E o dinheiro, que com eles teria gastado, convertia-se em uma crescente soma que ia depositando em uma conta de poupança.

Esperava com impaciência o dia em que me fosse possível deixar a coxeadura, a bengala e a muleta, e lançar-me à grande aventura de deixar as traduções para empenhar-me na carreira de cronista de assuntos sensacionais.

todos vocês estão convencidos do contrário. Se somente pudessem compreender isto, compreenderiam todo o demais a seu devido tempo.

Isto me sublevou e respondi violentamente; disse-lhe que suas palavras eram muito interessantes como filosofia nas noites de fastio, mas que, nas circunstâncias em que me encontrava, já se convertiam em uma insuportável tolice.

— Além disso, — acrescentei muito exaltado e empregando termos impossíveis de publicar — como vou depender destes, que para o único que servem é lambar as botas desse “ditadorzinho de opereta”? Ou, talvez, também dependo de tal cretino que se apoia na força e cacareja sua popularidade quando tem a oposição amordaçada? Também dependo daqueles que perseguem a inteligência e falam de progresso? Não me chamaria a atenção que assim o dissesses agora.

Ele me olhou com seu invariável e paciente sorriso, escutou até que tivesse terminado e, oferecendo-me cigarros e fogo, respondeu:

— Tu o disseste. Também dependes dele e de muitas outras coisas. Estes — fez um gesto significando aos guardas armados que estavam do outro lado das grades — apoiam-no com suas armas porque não podem fazer outra coisa que obedecer a quem saiba mandá-los. Sem armas, sem uniforme e sem chefes, não seriam nada. Creem-se amos de suas armas, mas na realidade são escravos delas. Mas tu e os que aqui estão presos contigo são piores. Estes vestem uniforme porque têm medo de andar sozinhos na vida e porque não podem fazer nada mais produtivo para o mundo; também levam um uniforme na cabeça. Mas vocês são piores; vocês dizem que são homens de intelecto e na realidade são uns tolos enamorados de suas tolices. Vocês apoiam esta ditadura e quanta ditadura houver; apoiam-nas muito melhor e mais eficientemente que os outros; seu apoio ocorre de muitas maneiras, mas principalmente por meio da atitude de estúpida soberba, que os fazem viver de costas à verdade. E não só a apoiam, fortalecem-na. Sim, vocês são piores que os que honradamente são ignorantes. E no entanto, nenhum de vocês tem verdadeiramente a culpa.

Disse-me tudo isto tão calmo e tão seriamente que fiquei mudo. Passou um bom tempo antes que lhe perguntasse:

— O que é que ignoramos?

— Um fato muito simples, que na realidade é uma verdade física, mas que todos vocês creem que se trata unicamente de um preceito ético impossível de levar à prática. Seguramente o leste ou ouviste alguma vez: “Não resistais ao mal.”

— Todos estes preceitos foram dados ao mundo por verdadeiros sábios. Só um punhado de seres na história da humanidade puderam descobrir que são verdades realmente científicas. A ciência ordinária, por certo, negará isto porque crê que a ética é algo separado do que chamam matéria, sem perceber que é justamente o que condiciona e vivifica a matéria e até cria suas formas. Há muito tempo, houve um verdadeiro sábio entre os homens da ciência e se chamou Mesmer. A ciência, ou isto que chamam ciência, o perseguiu e os seus trabalhos foram ignorados. É o destino de todo aquele que descobre a verdade. Hoje em dia o mesmerismo passa por uma forma de charlatanismo, e o curioso é que são justamente os charlatões da ciência os que mais falam contra o charlatanismo de Mesmer. Alguns dos que estudaram Mesmer para fazer curas magnéticas, aproximaram-se à verdade que ele deixou oculta em seus aforismos. Mas somente alguns, muito poucos, perceberam que o que é “sim” também pode ser “não”, que o “sim” é uma verdade relativa ao “não”, como o “bom” é relativo ao “mau”. Mas logo terás a oportunidade de inteirar-te disto, porque afinal fizeste uma pergunta que vale a pena.

Devo confessar que as palavras deste amigo sempre me pareceram coisas de louco. Naquela tarde, ele se foi mais contente e alegre que de costume, prometendo-me uma nova visita dentro de dois dias, coisa que, conforme os regulamentos da prisão, era sumamente difícil. Quando lhe observei isso, disse-me:

— Tu sabes andar de bicicleta, verdade?

— Naturalmente — disse-lhe.

— Bem, quem sabe andar em sua própria bicicleta pode andar em

com certeza seria burra e frívola. Sabes o que dizia meu avô? Dizia: “Dê-me a morte um sábio, mas não a vida um bruto.” Bem sabes o que levo em meu sangue. Por isso, Meu Senhor Jesus Cristo, o único que te peço é algo que todos parecem desprezar como coisa inútil e supérflua: peço-te inteligência. Somente ajuda-me a ter mais inteligência e eu me arranjarei a partir daí e não te incomodarei mais.

Uma de minhas raras qualidades é a perseverança quando algo me interessa realmente. O que queria naquela época era abrir caminho e chegar a ser um grande correspondente internacional. Para isto, na pensão e de noite, ensaiava os artigos mais sensacionais que podia imaginar baseado no que estava aprendendo em meu trabalho. Criava uma série de acontecimentos políticos dos quais era uma testemunha privilegiada. Bem sabia que estes eram sonhos loucos; mas gostava de sonhá-los. Era também maravilhoso perceber que em alguma parte de meu ser havia alguém capaz de sonhar. Pouco a pouco, tomando como base a experiência que me dava o trabalho, comecei a escrever artigos sobre a situação internacional. Satisfazia-me fazendo prognósticos sobre o que ocorreria como consequência de um determinado fato. Estes prognósticos baseavam-se em certos fenômenos que notava, que virtualmente se repetiam uma e outra vez em todos os grandes acontecimentos. Pareciam obedecer a um princípio, e este princípio governava os atos dos grandes homens. Isto me fez retomar o estudo da história que me havia atraído, especialmente, na escola. Comecei a entendê-la de outro ponto de vista, percebendo ao mesmo tempo, que aquela repetição se produzia automaticamente desde os tempos mais remotos. Tudo se fundamentava em entender os motivos; os motivos eram sempre os mesmos e estes animavam tudo. Quando meus prognósticos começaram a cumprir-se com mais ou menos precisão, decidi intensificar meus pedidos a Jesus Cristo. Fi-los mais sério e com maior envergadura. Anotava meus prognósticos em uma caderneta e depois de alguns meses comecei a despachar meu trabalho muito eficientemente e com maior rapidez, o que me produziu um ligeiro aumento no salário. Também ganhava alguns “*pesos extras*” criando artigos assinados com algum pseudônimo,

templo, somente pelas tardes, quando estava mais ou menos vazio.

Por causa da guerra, havia perdido, naturalmente, toda fé nos milagres. Por outro lado, as notícias internacionais, que devia traduzir diariamente, indicavam-me que os milagres correspondiam há tempos já demasiado remotos para tomá-los em conta. É verdade que de vez em quando chegava algum parágrafo anunciando alguma cura milagrosa em Lourdes. Mas o milagre que eu esperava estava muito longe de ocorrer, pois esperava o milagre da paz. O que havia ocorrido comigo em minha terra, estava ocorrendo então aos etíopes e italianos na África. Pouco depois, em honra a princípios supostamente nobres, e com participação da religião e dos religiosos, começou a ocorrer na Espanha. De forma que nesta época sabia em meu íntimo que para mim não haveria milagre algum, a menos que eu fizesse, de minha parte, por minha conta e risco próprio, o que necessitava fazer.

Entretanto, não podia ocultar em meu íntimo aquela profunda fé em Jesus Cristo. E ainda que houvesse blasfemado, dizendo que considerava que Deus era uma porcaria, a razão me indicava que se tomasse ao pé da letra o princípio de que Ele está no céu, na terra e em todo lugar, nada perderia fazendo-lhe ver ou explicando-lhe aquela crise sofrida na guerra. Pensava que com o tempo também seria possível persuadir-lhe que me ajudasse a ganhar dinheiro suficiente para tratar minha perna e poder trabalhar normalmente. De modo que, ao chegar na igreja, rezava muito rapidamente um Pai Nosso, um Senhor Meu Jesus Cristo e uma Salve. Em seguida, dirigia-me àquela bela imagem do Coração de Jesus, dizendo-lhe:

— Meu Senhor Jesus Cristo, não é muito o que te peço. Sei que não me podes dar a loteria, e, ainda que fosse possível fazê-lo, não me interessa tanto dinheiro. Tampouco vou pedir-te que me ajudes a encontrar uma herdeira. No momento, não quero casar-me. Além disso, que herdeira querará casar-se comigo quando se inteirar de que só a quero para que pague a cirurgia de minha perna? Somente uma mulher muito feia faria isso, e eu não quero casar-me com uma mulher feia; tampouco quero casar-me com uma muito linda porque, se além de ser linda fosse rica,

qualquer outra.

Que diachos tinha que ver a bicicleta com a sua visita? Muitas vezes fiz-me esta e outras perguntas surgidas de suas palavras. Ainda as sigo fazendo sem encontrar uma resposta adequada. Devo também confessar que a razão indicava-me que este homem era louco, mas eu sentia um carinho singular para com ele.

Quero representá-lo assim, atuando em uma circunstância importante de minha vida, naquele acontecimento que marcou o fim de uma carreira à qual eu havia dedicado todas minhas forças e todo meu entusiasmo. Foi na verdade um rude golpe, o que sofri ao perder aquela situação conquistada após longos anos de árduo trabalho; mas, quando disse todas essas coisas a meu amigo, ele se limitou a responder:

— É o melhor que te podia haver ocorrido. Agora, só de ti depende que teu despertar não te cause maiores sofrimentos.

E, continuando, disse-me muitas coisas que nesse momento tomei como palavras com as quais ele queria consolar-me ao insistir em que eu possuía certas qualidades pessoais indicativas da promessa de um despertar.

Certamente este relato não tem como finalidade fazer minha autobiografia nem detalhar os pormenores de minha agitada existência, antes e depois deste acontecimento. E se devo anotar alguns fatos pessoais é porque necessito proporcionar alguns antecedentes que expliquem a meu amigo e que também sirvam para substanciar os escritos que me pediu que publicasse nesta data, “com a finalidade de aumentar o número dos nossos”.

Recordo que cada vez que lhe perguntei o que significava isso de “os nossos” e quem eram, respondeu-me:

— Uma classe muito especial de abelhas que se dá só de vez em quando e com grandes esforços.

Tal foi a vontade de meu amigo, e eu a cumpro não somente por haver empenhado minha palavra, senão porque percebo em tudo isto algo que talvez tenha um valor que me escapa. Até é possível que algum dos

leitores saiba do que se trata e possa explicar-me este homem.

Também é necessário que faça uma confissão: não sei como se chama, jamais me deu seu verdadeiro nome e, salvo uma vez, a mim, jamais me ocorreu fazer-lhe essas perguntas de praxe que exigem nome e sobrenome, idade, nacionalidade, profissão, etc.

Talvez algum de vocês o conheça ou tenha tido notícias dele. E digo isto porque, naquela oportunidade em que quis abordar este aspecto de seu ser, deixei que vislumbasse meu interesse por sua origem e demais coisas que ele nunca explicava espontaneamente, como em geral o faz todo o homem a fim de inspirar confiança aos demais. Meu amigo era muito diferente de todas as pessoas que conheci em minha vida e parecia não lhe importar, absolutamente nada, a impressão que causava. De modo que, quando surgiu a questão de meu interesse em sua identidade, disse estas enigmáticas palavras:

— Quem verdadeiramente o queira, pode conhecer-me. Só faz falta o querer para começar. Estou em geral em todas as partes e em nenhuma em particular. A quem me chama, vou. Mas isto é só uma maneira de dizê-lo, porque a realidade é outra. Poucos sabem me chamar; e costuma ocorrer que, quando acudo a estes, espantam-se, perdem a cabeça e começam a molestar-me com muitas perguntas: Quem és? Qual o teu nome? Do que vives? Em que trabalhas? E assim pelo estilo. Nunca respondo a estas impertinências porque, se o homem não sabe o que quer, é melhor que tampouco saiba nada de mim. Ocorre também que, aqueles que me buscam sem se darem conta, ou decidem não me prestar nenhuma atenção, ou atribuem tudo a eles mesmos. Há também os que me consideram “mau”. Mas é somente natural que assim ocorra nesta época de franca degeneração da inteligência humana. Desbarato os sonhos dos homens e não lhes deixo uma só ilusão em pé. Poucos são os que se decidem manter o contato comigo, mas estes poucos são os verdadeiramente afortunados, pois têm a possibilidade de conhecer o real valor da vida. Claro está que este conhecimento tem suas responsabilidades; mas inteirar-te-ás disso a seu devido tempo.

dos para sempre. Isto tinha sua origem na guerra. Tive um choque violento com o capelão de minha unidade quando, desesperado, disse-lhe que eu pensava que Deus era uma porcaria e que não conseguia explicar-me como era possível que, por meio de seus ministros, sancionasse semelhante matança de jovens. Este incidente ocorreu depois de uma missa no fronte, na véspera em que várias centenas de jovens de 16 a 18 anos entraram para receber seu batismo de fogo. O capelão me havia oferecido a comunhão dizendo: “Para se acaso morras.” Isto me produziu tal repugnância que derramei sobre ele, violentamente, toda a cólera acumulada em mim durante um ano de viver em uma camisa que fervia de piolhos, sem água e passando fome. Sou um homem violento e, naquela época, apertava o gatilho com facilidade, como se a função mais natural da vida fosse tirá-la do próximo. Não recordo com exatidão o que disse nesse dia, mas no geral foi que me era compreensível que os homens que nada sabem de religião se convertessem em bestas, mas que me era totalmente incompreensível que os religiosos sancionassem e até abençoassem aos que se entregavam a semelhante barbaridade.

Nunca esqueci esta cena. Saí do combate sem nenhum arranhão, mas profundamente comovido depois de haver visto morrer, quase indefesos, tantos jovens. O capelão, que havia ajudado a socorrer feridos sob o fogo inimigo, sentou-se a meu lado sobre um tronco de árvore, pôs um braço sobre meus ombros quando rompi a chorar e me disse que compreendia meu estado de ânimo. Por um instante acreditei que estava chorando por arrependimento, mas logo me dei conta de que era a tensão nervosa resultante do combate o que me fez fraquejar. Todavia, em minha consciência, perdurou o sentimento de haver cometido um sacrilégio ao dizer o que havia dito de Deus.

Portanto, considerava-me indigno de receber os santos sacramentos. E, para dizê-lo com honradez, também temia a penitência que resultaria de confessar semelhante coisa.

Por este motivo e talvez, também, porque queria expiar, a meu modo, meu pecado, sempre que não fosse muito incômodo fazê-lo, ia a esse

nada mais. Meu primeiro objetivo foi, pois, ganhar dinheiro. E, como trazia por herança e por educação certas ideias religiosas, deduzi que o melhor era pedir ajuda ao céu. Pensei em fazer meus pedidos a algum dos santos aos quais se atribuem milagres, mas meu trabalho obrou contra esta decisão. As notícias informavam acerca da situação mundial às vésperas da Segunda Guerra e acerca daquela lamentável comédia de fantoches em Genebra. Elas obraram poderosamente sobre meu ânimo e terminaram por minar minha crença nos santos. Não podia explicar-me como era possível que com tanta oração, com tanta solícita rogativa aos santos, o mundo seguisse embarcado em uma orgia de sangue, que eu havia experimentado na própria carne e acerca da qual minha bengala e minhas muletas falavam eloquentemente, sem necessidade de que sua verdade fosse corroborada pelas dores agudas que costumava sofrer. Em meio a tudo isto, consolava-me pensando que ainda conservava minha perna e tinha uma possibilidade de salvá-la. Outros haviam saído piores que eu, haviam perdido ou pernas ou braços com feridas de menor importância que as minhas.

Tudo isto, à parte de outras coisas demasiado íntimas, determinaram meu estado de ânimo, que deixasse de lado a ideia de pedir ajuda monetária a São Judas Tadeu, ou a São Pancrácio, ou a qualquer dos outros santos que, em teoria e conforme a propaganda religiosa, costumam fazer milagres. Decidi apresentar minhas angústias direta e pessoalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo. Afinal, sempre havia sentido que o “Meu Senhor Jesus Cristo”, como “A Salve”, comoviam-me poderosamente. E assim comecei a percorrer vários templos em busca de um ambiente adequado, até que dei com um no qual havia um belíssimo quadro do Coração de Jesus que dominava o altar e a nave central.

Mas, a esta altura, faz-se necessário que eu confesse que havia deixado de ir às missas de domingo e dias santos, porque, nestes dias, eu preferia ficar na cama, na modesta casa de pensão onde tinha um quarto, a fim de dar um bom descanso à minha perna. Além disso, sentia um peso na consciência. Considerava que os santos mandamentos estavam-me veda-

Recordo que nesta oportunidade, disse-lhe:

— Então, alegre-me muitíssimo de não te haver importunado. Rogo-te que desculpes minha curiosidade. Não quero perder o contato contigo por nada deste mundo.

Ante estas palavras, ele sorriu e acrescentou:

— Há um meio simples de conservar o contato comigo: recordando. A recordação é o contato com a memória. Na memória está o conhecimento ou a verdade. Unir-se de coração à verdade é o transcendental. Desfruta de minha amizade enquanto estou contigo. Deves procurar entender as coisas que te digo e compreender-me. Todo esforço que faça neste sentido será benéfico para ti, ainda que muitas vezes pareça que toda tua vida se desmorona. Tu és um destes que me têm chamado sem se dar conta que me buscava. Não me tens incomodado com perguntas nem com pedidos néscios. Mas devo te advertir que, se tens algumas qualidades que me conservam a teu lado, essas mesmas qualidades podem afastar-me totalmente de ti, se é que não despertas. Ao menos, se agora despertasses, e somente de ti depende que o faças, não sofrerias o que seguramente haverás de sofrer quando devas permanecer só e em silêncio, como no deserto. Eu só posso acompanhar-te por um tempo. Se não aprendes a acumular o quanto te dou, somente tu terás a culpa disto.

Naquela época incomodava-me o tom protetor com que me falava nestes casos. Sua seriedade parecia absurda e fora de lugar. Muitos amigos e alguns de meus companheiros de trabalho sentiam uma marcada antipatia por ele. Perguntavam-me o que era que eu via neste amigo e o qualificavam de “tipo raro”; alguns diziam que não tinha sentimentos, que nada o comovia. Mas eu sei que era um homem cheio de amor. Quando comentei a opinião de meus amigos, por causa de um incidente social, disse-me:

— Não te incomodes com essas opiniões. Esses são a escória do mundo, o verdadeiro mal da sociedade humana. Sempre haverá em seus bolsos as trinta moedas de prata. Nada tenho com eles, nada quero ter; estão submetidos a outras forças, das quais poderiam livrar-se se realmente o quisessem, mas estão enamorados de si mesmos e confundem o senti-

mento com suas debilidades pessoais.

Porém, será melhor e mais prático que eu faça um relato cronológico dos fatos.



*KUKULCAN – Grande instrutor divino,  
“Serpente com Plumas” equivalente ao Quetzalcoatl nahoa.*

## Capítulo II

**I**ngressei no jornalismo porque, depois de uma das tantas guerras deste século, fiquei com uma perna tão machucada que me foi impossível retomar minha profissão na marinha mercante. O fato de saber alguns idiomas e de poder traduzir a linguagem cabográfica e não escrever de todo mal foram fatores que me ajudaram neste empreendimento. Era ambicioso e quis fazer carreira porque sentia mui vivamente que a saúde obrava contra mim e que os anos passavam cada vez mais rápido. Renunciei às aventuras e aos prazeres que produz o viajar sem rumo fixo, como quando me alistava de tripulante em qualquer barco, em qualquer porto e também renunciei à poesia e a muitas outras coisas que até então haviam alegrado minha existência. Era desagradável caminhar apoiado em uma bengala e era ainda mais desagradável ter às vezes que recorrer às muletas. Não dispunha do dinheiro necessário para que um especialista tratasse minha perna como era devido e de minha pátria havia fugido espantado ante a pouca proteção maternal dos hospitais militares. Tinha razões muito fortes para isto. Havia visto demasiadas coisas. Mas isto não tem senão o valor de um antecedente pessoal.

O salário que ganhava era o mínimo. Trabalhava com desejos de prosperar e com entusiasmo. Não queria só fazer uma carreira e criar um nome no jornalismo, senão que, também me dava conta que enquanto dependesse um dia da bengala e no seguinte das muletas — segundo fosse a densidade humana nos bondes em que devia ir e vir de meu trabalho — minhas possibilidades na vida estavam circunscritas a ser um tradutor e